

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Fabrcio César de Aguiar*

O livro **Teorias do espaço literário**, de Luís Alberto Brandão, apresenta uma imensa contribuição aos estudos referentes à área da teoria literária, de modo geral, e, em especial, para os estudos referentes à categoria do espaço literário. Por mais que haja inúmeros estudiosos desta categoria literária, nota-se que esta ainda possui uma menor quantidade de estudos críticos quando comparada com outras categorias literárias, como personagem, narrador, tempo, eu lírico, entre outras. Deste modo, as discussões proporcionadas pela obra contribuem em muito para os estudos literários.

Para ambientar o leitor no foco da discussão, Brandão traça um panorama geral de variadas abordagens acerca do espaço, passeando por diversas teorias, pensadores e áreas do conhecimento. Desenvolvendo variadas tentativas de definição do que seria “espaço”, o autor evidencia muito bem que o conceito possui muitas variações, estando presente em múltiplos campos do conhecimento de modo direto e relacionando-se de modo indireto a praticamente todas as áreas do saber e da sociedade. Por este motivo, o espaço pode ser referenciado por variados sinônimos, como “lugar, campo, ambiente, região, setor, universo, paisagem, sítio, extensão, área, faixa, domínio, zona, território etc..” (BRANDÃO, 2013, p. 50).

Devido a esta grande abrangência, o estudioso destaca que a noção de espaço é propensa a ser utilizada como uma mera raiz para a criação de outras tipologias, através das mais variadas adjetivações. Como o autor mesmo explica,

A tendência é comum na crítica literária, que costuma enfrentar a questão do espaço com uma série de expressões derivadas: “espaço social”, “espaço psicológico”, “espaço mítico”, “espaço da linguagem”, “espaço imaginário”. Na proliferação terminológica o atributo costuma elidir, ou deixar em suspenso, o significado do vocábulo principal. (BRANDÃO, 2013, p. 51).

* Universidade Federal do Paraná.- UFP

Isso acaba sendo, de certo modo, problemático, uma vez que desloca a atenção do conceito central de espaço para segundo plano.

Então, ciente da abrangência desse conceito, Brandão passeia por vários pensadores das mais distintas áreas do conhecimento, como geografia, física, filosofia, arquitetura, semiótica, literatura, teatro, pintura, entre outros, assimilando reflexões de pensadores como Albert Einstein, Isaac Newton, Michel Foucault, Henri Lefebvre, Roland Barthes, Mikhail Bakhtin, Gaston Bachelard, Walter Benjamin, criando assim uma discussão interdisciplinar extremamente fecunda.

Partindo dessa abordagem interdisciplinar, Brandão desenvolve apontamentos de três ordens: teórica, visando refletir sobre o conceito de espaço pelas mais variadas perspectivas; crítica, levando em consideração a criação, a materialização e o modo de propagação e de recepção dos elementos espaciais; e analítica, que conta com textos intitulados como “excursos ficcionais”, os quais são experimentos de criação literária do próprio autor que têm o elemento “espaço” como espinha dorsal.

A estruturação da obra segue uma divisão em três partes principais. A primeira delas intitula-se “Espaço: questões conceituais” e serve como uma interessante introdução aos estudos e teorias referentes à categoria espaço, abordados pelas mais distintas perspectivas. Nesta, há um ênfase nas discussões de espaço referentes ao pensamento de Newton e Einstein:

De um lado, encontra-se o conceito newtoniano de espaço absoluto. [...] Do outro lado, há o conceito de espaço relativístico. Conforme o conceito proposto por Albert Einstein, o tempo é a quarta dimensão do espaço, o qual, por sua vez, está em constante expansão. (BRANDÃO, 2013, p. 51).

A segunda parte define-se como “Leituras do Espaço” e é embasada em análises de textos literários de autores como Jorge Luís Borges, Elisabeth Bishop, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, Rafael Courtoise e Machado de Assis. Por fim, a terceira parte, “Espaços do corpo”, mescla alguns debates conceituais para desenvolver as discussões da primeira parte da obra, juntamente com análises artísticas que partem de perspectivas variadas, enquanto passeia pela obra de autores como João Gilberto Noll, Rubem Fonseca, Sérgio Sant’Anna, Nelson de Oliveira, Henri Bergson.

No decorrer da obra, Brandão destaca que há muitos estudos referentes à noção de tempo e de fatos temporais, objetos de estudo da História, mas destaca a necessidade de se atentar para a ideia de que esses ocorrem intimamente vinculados a seus determinados espaços físicos, geográficos e identitários. Então, ressalta a

contribuição do pensamento de Mikhail Bakhtin ao criar o conceito de *cronotopo* “para evidenciar a ‘indissolubilidade de espaço e de tempo’.” (BRANDÃO, 2013, p. 24). Para o autor “A noção de *cronotopo* é sem dúvida a que traduz de modo mais explícito, na obra de Mikhail Bakhtin, o interesse pela discussão sobre o problema do espaço na literatura” (BRANDÃO, 2013, p. 93).

Focalizando a questão espacial especificamente no campo literário, o autor define quatro modos de abordagens principais: “representação do espaço; espaço como forma de estruturação textual; espaço como focalização; espaço da linguagem.” (BRANDÃO, 2013, p. 58). Em relação ao espaço como focalização, comenta:

É de natureza espacial o recurso que, no texto literário, é responsável pelo ponto de vista, focalização ou perspectiva, noções derivadas da ideia-chave de que a literatura veicula um tipo de visão. [...] O espaço se desdobra, assim, em espaço observado e espaço que torna possível a observação. [...] Por essa via é que se afirma que o narrador é um espaço, ou que se narra sempre de algum lugar. (BRANDÃO, 2013, p. 62).

Em relação ao espaço da linguagem, mostra que a palavra é também um espaço, pois “é composta de signos que possuem materialidade. A palavra é uma manifestação sensível, cuja concretude se demonstra na capacidade de afetar os sentidos humanos, o que justifica que se fale da visualidade, da sonoridade, da dimensão do tátil do signo verbal.” (BRANDÃO, 2013, p. 64). Pode-se notar isso com muita facilidade e êxito na Poesia Concreta, a qual utiliza a linguagem de modo estrutural, semelhante uma obra de engenharia, sendo explorada intensamente tanto em seu plano de significado quanto no de significante, ao brincar com sons, cores, tamanho, disposição gráfica na página, ou seja, por sua capacidade comunicativa *verbivocovisual*, como os próprios concretistas a definiram.

Por fim, por mais que a teorização proposta seja abrangente e muita sólida em suas discussões, Brandão atenta para a ideia de que as teorizações não visam definir verdades imutáveis sobre os conceitos abordados, uma vez que as teorias acerca do conceito de espaço são mutáveis e relacionadas a fatores referentes tanto aos objetos em análise quanto às perspectivas e ao ponto de vista analítico. Para ele, existem

diferentes formas de percepção espacial, as quais incluem tanto os sentidos do corpo humano quanto os sistemas tecnológicos, rudimentares ou complexos, de observação, mensuração e representação. [...] Um breve exame da história da cartografia é

suficiente para demonstrar que as formas de representação espacial variam de acordo com a relação que cada época e cada cultura possuem com o espaço. (BRANDÃO, 2013, p. 18).

Desse modo, reitera-se a grande contribuição da obra **Teoria do espaço literário** para a área de estudos referentes ao espaço, tanto de modo geral, quanto especificamente para a categorização literária.

Submetido em: 14 de junho de 2015.

Aceito para publicação em: 09 de outubro de 2015.

